
***HERÁCLITO E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES:
UM RETORNO AO PRINCÍPIO DO PENSAMENTO
DIALÉTICO***

Sandra Aparecida Pires Franco (UEL)

Marta Silene Ferreira de Barros (UEL)

RESUMO: O propósito deste artigo é o de demonstrar que o estudo de Heráclito é essencial para fundamentar a concepção dialética dos professores em processo de formação. A metodologia utilizada foi o estudo bibliográfico e descritivo sobre o repensar da formação continuada dos professores, com base no materialismo histórico-dialético, procurando ressaltar ao professor a necessidade de conhecer o método para que ele possa adquirir uma concepção filosófica e repassar essa concepção para seus alunos. Esta pesquisa firma uma posição em que é possível superar as dificuldades presentes na contemporaneidade com relação à aquisição do conhecimento, a fim de repensar a educação e como ela está posta nesta sociedade. Como resultados, podemos concluir que o estudo de Heráclito proporciona concepções que firmam uma linha de pensamento em que se verifica a transformação intelectual humana, pois foi o filósofo precursor da ideia de movimento e do devir.

Palavras-chave: Heráclito. Materialismo-Histórico. Dialética. Método. Formação Continuada.

***HERACLITUS AND THE TRAINING OF TEACHERS: A RETURN TO THE
PRINCIPLE OF DIALECTIC THINKING***

ABSTRACT: This article has the objective of demonstrating that the studying of Heraclitus is essential to support the dialectic concept of teachers in the training process. The methodology used was the bibliographic and descriptive study of rethinking the continuous training of teachers, based on the historical-dialectic materialism, seeking to emphasize the need to know the method so that teachers can acquire a philosophical concept and transfer it to their students. This study takes

the position that it is possible to overcome difficulties present in the contemporariness regarding the acquisition of knowledge, in order to rethink education and how it is positioned in this society. As results, we can conclude that the study of Heraclitus provides concepts that establish a line of thought where we can verify human intellectual transformation, because he was the philosopher who created the idea of movement and of what is to come.

Keywords: Heraclitus; Historic materialism; Dialectic; Method; Continued training.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo propiciar um repensar da formação continuada dos professores com base no materialismo histórico-dialético, procurando ressaltar ao professor a necessidade de conhecer o método para que ele possa adquirir uma concepção filosófica e repassar essa concepção para seus alunos. Para tanto, faz-se importante retomar os ideais filosóficos de Heráclito de Éfeso, o primeiro filósofo pré-socrático que introduziu a ideia da contradição e do movimento para a análise do meio social.

O conceito de dialética

Segundo Konder (2004), Heráclito de Éfeso foi o pensador dialético mais radical na Grécia Antiga, com sua frase do fragmento nº 01: um homem não toma banho duas vezes no mesmo rio. Por quê? Porque da segunda vez não será o mesmo homem e nem estará se banhando no mesmo rio (ambos terão mudado).

Por sua vez, Parmênides, filósofo com ideais opostos, ensinava que a essência profunda do ser era imutável e dizia que o movimento era um fenômeno de superfície - Metafísica. Essa concepção prevaleceu sobre a dialética de (540-480 a.C.). A metafísica prevaleceu por interesse da classe dominante que não queria mudanças, sempre

preocupada em organizar por muito tempo o que estava funcionando, impedindo que os homens cedam à tentação de querer mudar o regime vigente. Assim, a concepção dialética foi reprimida, historicamente, mas ela não desapareceu, precisou renunciar às suas expressões mais drásticas.

Aristóteles, então, reintroduziu princípios dialéticos de Heráclito e é a ele que se deve a sobrevivência da dialética. Com os conceitos de ato e potência, Aristóteles conseguiu impedir que o movimento fosse considerado uma ilusão desprezível. Nas sociedades feudais, a dialética sofreu novas derrotas. No regime feudal as pessoas cresciam, viviam e morriam pertencentes à mesma classe social; quase não aconteciam mudanças significativas. A ideologia dominante – das classes dominantes – era monopólios da Igreja. As pessoas não debatiam as ideias que eram desligadas da vida prática. Porém, com o comércio e a expansão do conhecimento, o pensamento mudou dialeticamente. O movimento voltou a se impor à reflexão e ao debate.

Vico (1680-1744) também ajudou a dialética a se fortalecer. Ele sustentava a ideia de que o homem podia conhecer a sua própria história, já que a realidade histórica é obra humana, é criada por nós. Esta formulação foi um estímulo para o método dialético.

Somente com o Iluminismo é que os intelectuais perceberam que estava surgindo uma nova época, que o mundo feudal estava desaparecendo e surgindo um novo mundo racional. Os iluministas não procuraram refletir profundamente sobre suas contradições internas, havendo somente uma exceção: Diderot, que dizia que o todo está sempre mudando e que é preciso desconfiar de quem impõe a ordem.

O que se percebe é que Heráclito interpretou a realidade, tendo como princípio o devir. Sob essa questão, pode-se afirmar que Heráclito observava como a realidade se alterava, desenvolvia-se e se transformava. Porém, é importante destacar que a identidade se mantém, não se trata de uma criação de outro ser, mas, sim, de um ser modificado, com a essência interior do ser anterior, modificado. Dessa explicação renasce a ideia de que os opostos se completam em uma unidade, na mesma identidade. O ser jovem e velho existe no mesmo ser, que se alterou. Essa ideia é a que está posta por Marx quando estudamos a questão do Método.

Para a compreensão da obra *Crítica da Economia Política* de Marx (1859), faz-se importante ressaltar a leitura do prefácio e da introdução que são indispensáveis para entender o marxismo. No

Prefácio, além das informações curriculares já referidas, figura a mais condensada e famosa síntese do materialismo histórico.

A prioridade metodológica atribuída à economia Política tem sua explicação ontológica na conclusão de que nela reside a anatomia da sociedade civil, cujo conceito compreende a totalidade das relações materiais de vida. A dialética entre forças produtivas e relações de produção, bem como entre base econômica e superestrutura ideológica e institucional, determina a sucessão dos modos de produção e das formações sociais. A sociedade burguesa é declarada forma transitória de organização social – a última forma antagonica. (MARX, 2004, p. XI).

Para Johnson (1997, p.139), o materialismo apresenta dois significados. O primeiro refere-se ao valor cultural atribuído à acumulação de posses materiais, processo este no qual pessoas baseiam seu senso de identidade, de bem-estar e de posição social de posse das coisas.

No segundo sentido, materialismo é um método para compreender a vida social que se fundamenta na ideia de que todos os aspectos da vida humana – biológicos, psicológicos, sociais, históricos etc. – possuem uma base material originária da reprodução humana e da produção econômica de bens e serviços. O materialismo considera a produção e a reprodução como processos sociais essenciais, que influenciam muito, se é que não determinam o caráter básico dos sistemas sociais, os padrões de vida e a eles associados, e os padrões de mudança histórica e de desenvolvimento.

Diante desses esclarecimentos, verifica-se que a obra de Marx é uma ontologia. Marx não perdeu muito tempo escrevendo sobre metodologia, sobre a diferença entre as ciências da natureza e as ciências do espírito, como Weber, nem propondo uma neutralidade científica, que ele sabia não existir, como fizeram Weber, Comte e Durkheim. Ele não discute se a realidade pode ou não ser entendida pelo homem, se a realidade é objetiva ou não, todas estas questões que pertencem ao campo da metodologia ou da gnosologia.

Marx (2004) parte de outro ponto: o ser social é um ser concreto, portanto, síntese de múltiplas determinações. Estas determinações são objetivas, quer dizer, existem no próprio ser social e não na mente de cada pesquisador, algo muito diferente, portanto, do tipo ideal de Weber. Elas possuem uma dinâmica própria e não são organizadas pela lógica de quem pesquisa. Elas são o que são e não o que o pesquisador acha que elas deveriam ser.

Estas determinações, entretanto, não estão diante de nossos olhos. Quando se observa o objeto pela primeira vez, a imagem que se constrói é ainda muito pobre. À medida que as conhecemos, vamos incorporando-as no pensamento. Quer dizer, vamos inserindo na mente o elemento deste objeto. Então, parte-se de uma visão pobre de elementos, que é a abstração, para uma visão cada vez mais rica de elementos, que é a concreção. Portanto, do abstrato ao concreto, da visão mais pobre à visão mais rica. Marx começa dizendo que a sociedade parece uma imensa coleção de mercadorias. Esta é ainda uma visão pobre. Ele começa, então, a juntar as determinações: mercadoria é algo que satisfaz necessidades do corpo ou da fantasia. Essa visão de Marx deve ser esclarecida, pois, para entender a evolução do pensamento econômico marxiano, é preciso entender a teoria do materialismo histórico.

Diante da correlação, é possível verificar que Heráclito demonstrava a sua posição e afirmação do que o objeto é pela diferença, pelo que ele não é, ou seja, o seu oposto, fazendo-se notar que tudo está em um constante vir-a-ser, em movimento. Observa-se que é a partir do devir que há a unificação dos opostos, que traz a unidade para o ser e o não ser.

Interessante ressaltar que Hegel foi influenciado pelo pensamento de Heráclito e assume a concepção da dialética como um meio para atingir a razão. Em Hegel, a dialética assume o papel de unificar as diversidades existentes na realidade, é a conciliadora, pacificadora dos opostos dando ordem, tendo como objetivo a universalidade.

Heráclito de Éfeso foi o precursor dos pensamentos profundos, consumando a ideia na totalidade que é a essência da idéia. Essa idéia é posta pelas determinações absolutamente opostas que estão ligadas em uma unidade. Para Heráclito, o ser e não-ser estão postos juntos, ligando-se à mesma unidade. Para ele, o infinito é expresso como conceito e essência. O tempo para Heráclito é o puro devir. O tempo é o puro transformar-se, é o conceito, o simples, que é harmônico a partir dos absolutamente opostos. O tempo é o ser imediatamente não-ser e, no não-ser imediatamente ser, esta mudança de ser para não-ser, este conceito abstrato é, porém, visto de maneira objetiva.

Verifica-se que no tempo estão os momentos, o ser e o não-ser. O tempo dotado de tais momentos é o processo. Assim, Heráclito não determina a água ou o ar como essência, pois eles não são. O fogo, sim, é o processo, é a essência, é o tempo físico, é a absoluta inquietude, absoluta dissolução do que persiste o desaparecer de

outros, mas também de si mesmo. Ele não é permanente. Por esse motivo é que Heráclito determina o fogo como o conceito do processo de sua determinação fundamental, pois está em movimento. Trata-se da troca, da alteração que, posteriormente, veremos exercer função central nos textos de Marx.

O fogo é a mudança, a transformação do determinado, evaporação, transformação em fumaça, pois ele é o momento abstrato. Essa evaporação para Heráclito é a passagem. Assim, muitos filósofos posteriores a Heráclito afirmam que o fogo é o vivificante, é a alma, é a passagem, a evaporação. Heráclito foi aquele que compreendeu a natureza como sendo em si infinita. Abrão (2004, p.31-32), no livro *A História da Filosofia*, apresenta o pensamento de Heráclito, segundo o qual:

[...] o mundo explica-se, não apesar das mudanças de seus aspectos, muitas vezes contraditórios, mas exatamente por causa dessas mudanças e contradições. [...] Essa oposição, esse combate, é uma guerra, e não, como pretendia Anaximandro, o equilíbrio de forças iguais. Tampouco é a harmonia dos contrários assegurada, como no entender dos pitagóricos, pela justa medida imposta por um ente supremo. [...] A divergência e a contradição não só produzem a unidade do mundo, mas também a sua transformação.

Para Abrão (2004), Heráclito transforma em solução o que aos outros era problema. Para ele, o mundo explica-se não apesar das mudanças de seus aspectos, muitas vezes contraditórios, mas exatamente por causa dessas mudanças e contradições. Por isso, em um de seus fragmentos, diz: ‘O combate é de todas as coisas pai, de todos rei’ (HERÁCLITO apud ABRÃO, 2004, p.31). Em outras palavras, todas as coisas opõem-se umas às outras, e dessa tensão resulta a unidade do mundo. De acordo com o autor, para Heráclito, a harmonia nasce da própria oposição: “O divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira” (HERÁCLITO apud ABRÃO, 2004, p.31-32).

A divergência e a contradição não só produzem a unidade do mundo, mas também a sua transformação. O mundo é um eterno fluir, como um rio; e é impossível banhar-se duas vezes na mesma água. Fluxo contínuo de mudanças, o mundo é como um fogo eterno, sempre vivo, e “nenhum deus, nenhum homem o fez” (HERÁCLITO apud ABRÃO, 2004, p.31-32).

Mas só se compreende isso quando, ao deixar de lado a ‘falsa sabedoria’ ditada pelos sentidos e pelas opiniões, chega-se ao logos, isto é, ao pensamento sensato. É o raciocínio adequado que abre as

portas para o entendimento do princípio de todas as coisas. Em um dos aforismos, Heráclito afirma: “Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um”, (HERÁCLITO apud ABRÃO, 2004, p.31-32). De acordo com Abrão (2004), Heráclito recebeu o epíteto de obscuro por seus escritos. Escrever, para Heráclito, significava gravar frases curtas, aforismos tão profundos quanto ambíguos, sobre finas lâminas de ouro que guardava no cofre do templo citadino, ordenando aos sacerdotes que só os tornassem públicos após a sua morte. Para ele, o que governava o mundo era o *lógos*, a razão, o pensamento, a inteligência, o discurso; mas é também o princípio de tudo, a lei que regula o funcionamento do cosmo.

Verifica-se que todos participam do *lógos* universal, mas existem diferenças entre o modo de pensar dos indivíduos. Alguns se limitam às percepções imediatas e vivem como que numa ilusão e desenvolvem idéias subjetivas. Por sua vez, os filósofos utilizam o *lógos* de modo consciente e conseguem penetrar na verdade da natureza.

O olhar contemporâneo e o processo educativo

Verifica-se que a filosofia de Heráclito coloca-se em oposição à mentalidade comum. Na contemporaneidade, o pensamento humano está distante de perceber, de adquirir consciência. Dentro dessa perspectiva, precisa-se expor o que Martins (2004) afirma. Para a autora, o que se verifica é que, muitas vezes, o ensino está voltado para o treinamento de indivíduos a serviço da organização do mercado. Esse é um dado que está posto, mas o que a autora critica é o fato de que há uma redução da educação à formação de competências. Verifica-se que tanto no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil como nos PCNs, e até mesmo nas Diretrizes Curriculares dos Cursos Superiores, a política educacional visa o sistema educativo comprometido com o sucesso profissional dos indivíduos, enquadrando-os em uma adaptação funcionalista, embasada na ideologia da empregabilidade. A autora, frente a essa problemática, indaga: quem é o homem que se pretende formar e qual o modelo de educação faz esta mediação?

Para explicar, Martins (2004) recorre a Marx que não se limita apenas ao imediatismo. Para ele, o contato direto com o real não

possibilita ao pensamento a sua total apreensão. O contato direto possibilita somente a percepção aparente. Para que a essência possa ser revelada, é preciso recorrer à análise. Uma soma de todas as suas determinações, em toda a sua complexidade. A autora, para prosseguir a sua análise, recorre a Duarte (2004) que afirma que o ser humano precisa recorrer à história, pois o homem se expressa como resultado da história social.

O homem não pode ser comparado ao animal, posto que é um produto histórico, membro de determinada sociedade, pertencente a uma classe dessa sociedade e vivendo em uma determinada etapa da evolução histórica. O homem está sempre em processo de transformação e reestruturação em relação às condições exteriores e, por isso, nada pode ser pensado sem o homem. A educação é, então, um dos caminhos para que o homem se transforme.

Martins (2004) afirma que, para Marx, o homem é um ser que trabalha e é consciente, social, universal e livre, pois coloca o trabalho no centro da humanização ou desumanização. É pelo trabalho que o homem garante a existência não só sua, mas também de toda a sociedade, pois toda ação humana pressupõe a consciência de uma finalidade que precede a transformação concreta da realidade natural ou social. Essa atividade humana consciente e objetiva é a práxis. É a práxis que cria no homem uma nova necessidade, que se põe sempre em ligação com as condições sociais mais amplas.

O homem, ao romper a barreira biológica, desenvolve o pensamento, o raciocínio, condições para nascer o ser consciente. Um dado importante que supera os limites dos animais é o de que o homem possui linguagem, que lhe permite fixar e transmitir de uma geração a outra os conhecimentos, possibilitando-o refletir sobre o mundo e estruturando sua consciência. A consciência é estruturada pelas ações de outros indivíduos que se apresentam sempre em condições que são históricas. Verifica-se, então, que a formação do homem deve ser a de uma formação social. A sociedade cria o ser humano; a sociedade não é somente o meio ao qual o homem se submete para se adaptar. Ao se inserir na sociedade, o homem desenvolve seus sentidos e, por meio da práxis, o homem transforma a matéria em idéia e transforma essa idéia em uma nova matéria.

Para Martins (2004), baseada no pensamento de Marx, a conquista da liberdade pressupõe uma luta material guiada pela consciência e realizada no âmbito do trabalho social, e esta luta, para ele, aponta a necessária superação do capitalismo. Martins (2004) relata que, para Marx, na análise sobre o capitalismo, vê-se o trabalho

como enriquecedor do homem, convertendo-se em labor, trabalho alienado somente com a execução braçal.

O que se verifica é que o trabalho como labor visa somente o salário e a sobrevivência do sujeito. Observa-se que a sociedade mascara esse trabalho com aparência agradável, mas ele permanece alienando, empobrecendo o indivíduo. Ressalta-se que a alienação se dá pelas condições socioeconômicas e pelo esvaziamento dos valores. Se é assim que está posto, é neste contexto que Martins (2004) questiona como desenvolver as capacidades dos seres humanos. Para ela, é preciso por meio da educação superar as estruturas alienadas, formando seres ativos, capazes de dar direção à vida para além dos limites do individualismo.

Assim, a verdadeira educação é aquela transformação histórica do ser em direção a um ideal humano superior, tendo neste ideal, a abolição das condições e instituições que alienam o trabalho e o trabalhador, para que ele possa objetivar sua atividade vital de modo consciente, social, universal e livre.

Diante desse aspecto, Martins (2004) destaca que é imprescindível o papel dos conhecimentos historicamente sistematizados. A função da escola é a socialização do saber historicamente produzido. Para a autora, o que não se deve é permitir que a educação esteja a serviço da adaptação, o que significa aceitar e compartilhar com a mutilação do ser humano que está expresso na ordem social capitalista, em que se destaca o empobrecimento objetivo e subjetivo dos indivíduos, o sofrimento físico e a violência.

O fortalecimento da educação está presente na direção de questionamentos históricos da existência humana e na possibilidade de transformação. Dessa forma, Martins (2004) não compartilha da educação escolar que impõe as competências, sem antes definir quais são essas competências, para que estão postas e a serviço de quem.

Diante de uma análise da sociedade contemporânea, em termos educacionais é preciso retomar Heráclito para embasar como se processa o pensamento na mente humana. Para tanto, insta ressaltar que para Heráclito, o *arche* - princípio de todas as coisas – consiste no fogo, na mudança de pensamentos que tanto almejamos. Segundo Nicola (2005, p. 19):

No caso de Heráclito, o fogo constitui mais uma metáfora do que um elemento natural específico, e isso é demonstrado na comparação com a moeda: pela sua capacidade de transformar uma coisa em outra, o fogo pode ser substituído

pelo símbolo do dinheiro, que, por sua vez, é capaz de trocar uma mercadoria por qualquer outra.

Em Heráclito há, portanto, a questão do *Pánta Rheî*, que significa em grego tudo flui, conforme mencionamos anteriormente. Ainda segundo Nicola (2005, p. 20), *Pánta Rheî* é:

[...] a síntese da doutrina heraclitiana do devir. Os filósofos da escola de Mileto já haviam notado a importância dos fenômenos de transformação que regulam a vida da natureza, vendo nesse dinamismo as alterações progressivas do *arché*. Heráclito, ao contrário, percebe o princípio primordial (arquétipo) justamente na própria transformação da matéria: tudo vem e tudo vai, incessantemente, e nesse movimento reside a natureza das coisas.

Numa correlação entre Heráclito e Marx, podemos verificar que o materialismo histórico designa a doutrina marxista, segundo a qual as causas últimas do devir histórico, citado por Heráclito, em Marx não são de natureza ideal ou espiritual como também não o eram para Heráclito, mas, sim, materiais, sociais, econômicas e produtivas.

Com base no princípio de que não é a consciência a determinar a existência, mas a existência a determinar a consciência, verificamos que Marx rejeita o determinismo, acreditando que o processo do devir histórico se desenvolve segundo o método da dialética hegeliana. Para Hegel (1770-1831), o termo dialética indica:

[...] o processo triádico pelo qual o Espírito, e assim a realidade inteira, que coincide com ele, se objetiva. Nesse devir se pode identificar três momentos: o primeiro é o da tese, em se considera o ser (a coisa) em si; o segundo é o da antítese, em que o ser se encontra fora de si; o terceiro é o da síntese, que designa a coisa voltando para si. O processo dialético deve ser pensado de modo unitário, pois a sucessão dos três momentos é descritível como um círculo; o terceiro momento, depois do desenvolvimento da contradição, implica um movimento de retorno ao estado inicial (agora enriquecido pelas mudanças ocorridas) (NICOLA, 2005, p. 358).

Hegel apreciava Heráclito a tal ponto que acolheu todas as suas propostas na reflexão de sua lógica, não obstante a harmonia dos opostos de Heráclito. Segundo Reale (2005, p. 37):

Também é evidente por que Heráclito adjudicou ao fogo a 'natureza' de todas as coisas: o fogo expressa de modo exemplar as características de mudança contínua, contraste e harmonia. Com efeito, o fogo é continuamente móvel, é vida que vive da morte do combustível, é a contínua

transformação do combustível em cinzas, fumaça e vapores, é perene ‘necessidade e saciedade’, como diz Heráclito, de seu Deus.

Vale ressaltar uma explicação acerca dos filósofos da Natureza que eram chamados assim porque se interessavam, sobretudo, pela natureza e pelos processos naturais. Assim, os primeiros filósofos deram início à forma científica de pensar, dando início às ciências naturais. Porém, foi Parmênides que explicou que nada pode surgir do nada. Parmênides acreditava que tudo o que existe sempre existiu e, para ele, nada que existe pode se transformar em nada. Ele considerava impossível qualquer transformação das coisas.

A sua crença era baseada na razão humana que não permitia considerar nenhuma transformação com base nos sentidos. Dessa forma, ao contrário de Parmênides, Heráclito via as constantes transformações e elas eram as características fundamentais da natureza. Heráclito confiava nos sentidos. Para ele, tudo está em movimento e nada dura para sempre. Para o filósofo, tanto o bem, quanto o mal são necessários ao todo. No lugar da palavra Deus, Heráclito emprega a palavra *lógos*, que significa razão, que se trata de uma espécie de razão universal, que orienta a todos. Sob certo ângulo, Parmênides e Heráclito pensavam de maneira totalmente oposta. A razão de Parmênides deixava claro que nada pode mudar. Mas as experiências sensoriais de Heráclito deixavam igualmente claro que a natureza está em constante transformação.

Considerações finais

Assim, o que se pode perceber é que Heráclito (540-480 a.C.) foi o precursor para o desenvolvimento do pensamento materialista histórico-dialético e que esse estudo é necessário para a formação do pensamento dos professores nesse contexto de século XXI. Dessa forma, o estudo de Heráclito, sua influência em Hegel e Marx possibilita o enriquecimento intelectual, uma vez que o princípio para se pensar a formação continuada de professores é a análise da sociedade, procurando verificar qual a concepção pedagógica que permite a transformação intelectual do ser humano.

Referências:

ABRÃO, Bernadette Siqueira (org.). A História da Filosofia. In: Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

DUARTE, Newton. *Crítica ao fetichismo da individualidade*. São Paulo: Autores Associados, 2004.

HEGEL, W. Friedrich. IN: NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada de Filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

MARTINS, Lígia Márcia. Da formação humana em Marx à crítica da Pedagogia das Competências. IN: DUARTE, Newton. *Crítica ao fetichismo da individualidade*. São Paulo: Autores Associados, 2004.

MARX, Karl. À Crítica da economia política. IN: Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2004.

NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada de Filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.

REALE, Giovanni e ARTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. São Paulo: PAULUS, 2005.

Sobre as autoras:

Sandra Aparecida Pires Franco é Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. É Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina e do Programa de Mestrado em Educação,

Marta Silene Ferreira de Barros é Professora Associada da Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Brasil.

Recebido em: 05/05/2014

Aceito em: 06/08/2014